

# EROS

pornografado



Renato Gonçalves



**EROS**  
pornografado  
HOMOEROTISMO MASCULINO  
E PORNOGRAFIA AMADORA

1ª edição  
2022

---

Uberlândia-MG

---

SEXO<sup>da</sup>  
PALA  
VRA

Curador: Fábio Figueiredo Camargo  
Projeto gráfico: Antonio K. Valo e Barbara Caetano  
Revisão: Rosana Mauro

**Catálogo na Publicação - CIP**

G635e Gonçalves, Renato.  
Eros pornografado: homoerotismo masculino e pornografia  
amadora / Renato Gonçalves. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2022.  
120 p. : il.

ISBN 978-65-88010-34-1.

1. Ensaio brasileiro. 2. Literatura erótica brasileira. 3.  
Pornografia na literatura. 4. Erotismo na literatura I. Título.

CDD: B869.4  
CDU: 869.0(81)-4

**Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091**

**CONSELHO EDITORIAL**

Alex Fabiano Jardim  
Ana Maria Colling  
André Luis Mitidieri  
Andréa Sirihal Werkema  
Antonio Fernandes Jr.  
Cláudia Maia  
Cleudemar Fernandes  
Davi Pinho  
Djalma Thurler  
Eliane Robert Moraes  
Eneida Maria de Souza  
Emerson Inácio  
Flávia Teixeira  
Flávio Pereira Camargo  
Joana Muylaert  
Larissa Pelúcio  
Leandro Colling  
Leonardo Mendes

Luciana Borges  
Luiz Morando  
Maria Elisa Moreira  
Mário César Lugarinho  
Nádia Batella Gotlib  
Patrícia Goulart Tondinelli  
Paulo César Garcia  
Renata Pimentel  
Ricardo Alves dos Santos  
Telma Borges  
Vinicius Lopes Passos

**CURADORIA**

Fábio Figueiredo Camargo  
Leonardo Francisco Soares  
Ivan Marcos Ribeiro

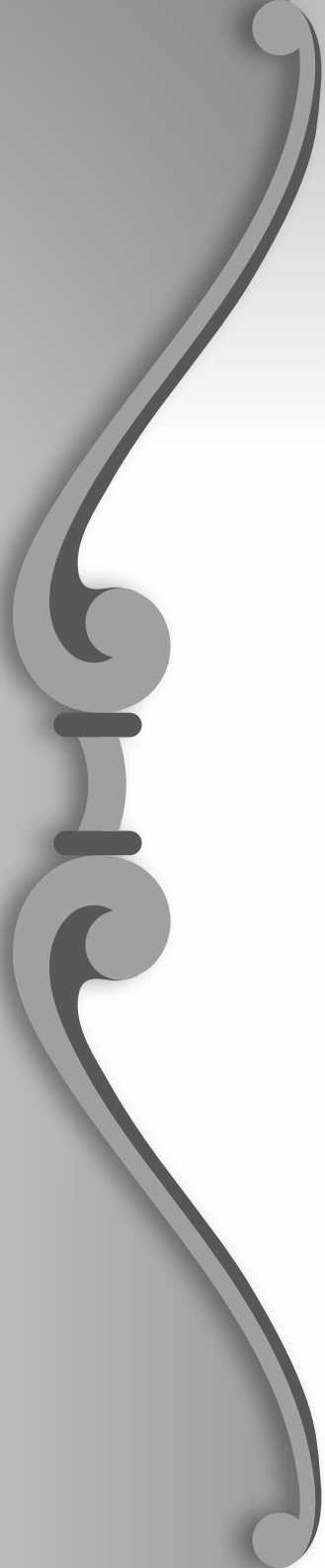
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais  
Av. Dr. Laurito Vieira Gonçalves, 466  
Sítio Mônica  
CEP. 38.408-138 | Uberlândia - MG  
CNPJ: 33.713.941/0001-21  
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

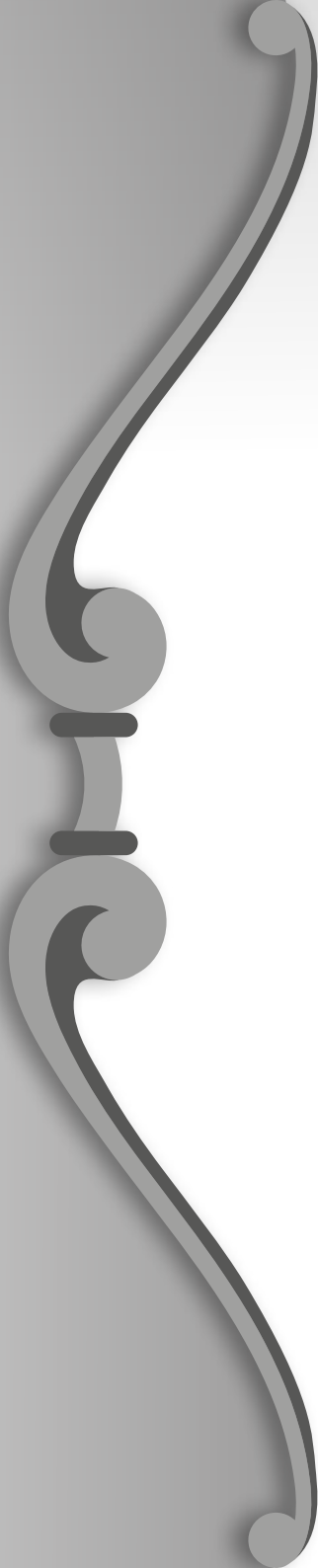




# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
PARTE I	13
A janela nada discreta da pornografia amadora	15
Estéticas e éticas do homoerotismo pornografado	25
De Sade a Bataille	37
PARTE II	47
Personas sexuais	49
Falo	65
Subversão	81
Violação	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113

# INTRODUÇÃO





Muito pode ser dito sobre a sexualidade. Mas muito pouco, de fato, pode ser revelado. Apesar do que os detratores e os entendidos pregam por aí, o grande enigma do sexo continua. O que pode ser acessado é a dimensão de sua expressão, nunca aquela de sua “verdade”. Por isso, o caminho investigativo pelos meandros da pornografia amadora digital, tema deste livro, partiu da ideia não de exprimir dela algo ontológico sobre a sexualidade, mas, sim, tatear sua superfície. Restam pistas, rastros a serem perseguidos.

As discussões a seguir são fruto de uma tese de doutorado na qual analisei e articulei mais de 700 vídeos homoeróticos amadores contidos no XVideos, plataforma de gigantesca projeção no Brasil e que, em 2019, foi o quinto domínio mais acessado no país, ficando atrás apenas de redes sociais e portais de notícia. O texto que apresento é a síntese de uma pesquisa qualitativa e classificatória que buscou agrupar recorrências e destacar nuances de sentido, na tentativa de tecer um fio interpretativo acerca de como o homoerotismo brasileiro se expressa de forma mais ou menos espontânea - daí vem a escolha por analisar apenas vídeos amadores, para neles tentar captar alguma nesga de espontaneidade e de autoria coletiva.

Na parte I, antes de adentrar o universo pornô amador, destaco alguns pontos importantes da minha perspectiva. Da comunicação, aproprio-me da visão das mediações comunicacionais<sup>1</sup>, que me

---

1 MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

permite enxergar a pornografia e o ambiente de seu consumo como espaços para a expressão de certa cultura homoerótica, presente em vídeos amadores produzidos, postados e consumidos por sujeitos homoeróticos. A pornografia não é o objeto em si ou o fim de minha análise. Ela é o espaço de mediação, o veículo, a tela na qual são observadas algumas das configurações do homoerotismo na contemporaneidade.

Na sequência, ainda referente à minha filiação teórica, limpo o campo dos sentidos impregnado de julgamentos éticos e estéticos com o auxílio das discussões empreendidas pela semiótica e pela psicanálise. Esse movimento se faz necessário em face de expressões pornôs que nada têm a ver com o Belo e o Bem, acepções ligadas pelo senso comum às dimensões estéticas e éticas. Encerrando essa parte, recorro a Marquês de Sade e Georges Bataille, teóricos que servem como base para compreender o erotismo em seus próprios termos e suas próprias condições.

Em meu percurso investigativo, realizei uma incursão própria a um leitor imersivo<sup>2</sup> que navega por entre *thumbnails* e títulos de vídeo, acessa *hiperlinks*, observa comentários deixados por usuários e pesquisa por *tags* que organizam o conteúdo. O consumo midiático se deu a partir da busca por vídeos associados às palavras-chaves “gay”, “amador” e “brasil”. Diante do vasto acervo disponível na plataforma, cheguei à sistematização de quatro grandes grupos, que guiam a discussão, a saber: personas sexuais; falo; subversão; e violação.

Na parte II do livro, observo as potencialidades de sentido dos signos do homoerotismo pornografado por meio de uma leitura interessada na articulação com a psicanálise, a filosofia, a história da arte e as teorias de gênero, entre outras áreas do conhecimento, compondo um panorama multidisciplinar capaz de dar conta dos

---

2 SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

múltiplos vetores que atravessam o que vemos. Trata-se de uma das muitas leituras possíveis – ficando aqui o convite para que outras possibilidades de análise também sejam desenvolvidas.

Como o leitor ou a leitora observará, os títulos sobressaem na análise e, por isso, destaco alguns de seus registros mais expressivos a título de exemplificação no resumo intitulado “aba de navegação anônima”, nome que faz referência ao contexto a partir do qual muitos desses materiais são acessados rotineiramente. Alguns títulos causam o riso, o que é um bom sinal, se seguirmos a ideia de que o inconsciente é revelado, entre outras oportunidades, no chiste<sup>3</sup>. Outros títulos podem chocar aquele ou aquela que não estiver acostumado ou acostumada com a realidade amoral da pornografia.

Portanto, advirto que para adentrar o universo do homoerotismo pornografado é preciso deixar de lado qualquer julgamento moral que possa prejudicar uma compreensão lógica do seu funcionamento. Não se pode julgar tais expressões como “más” ou “boas”, mas, sim, compreendê-las em seus próprios termos. Como procuro demonstrar, nem sempre é pertinente pensar a estética do homoerotismo pornografado como “sublime” ou “chocante”, ou uma determinada conduta sexual como “boa” ou “má”. Essas formulações pouco ou nada têm a ver com o campo pagão da sexualidade.

Há quem possa considerar este livro um convite ao *voyeurismo*. Mas não é disso que se trata a pornografia, um canal de realização para os exibicionistas e um deleite para os *voyeurs*? A pornografia explícita o obsceno da sexualidade, isto é, o que deve estar fora de cena (do latim, *obscenus*). E, talvez por isso, sexo, sexualidade e erotismo ainda sejam assuntos populares, que acendem calorosos debates quando abordados no espaço público, por colocarem em pauta o que deve ser recalçado, escondido, silenciado.

3 FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 7*. O chiste e sua relação com o inconsciente. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Este livro se destina aos convertidos, que podem nele se identificar e se aprofundar, e aos curiosos, que através dele podem espiar e conhecer outros universos. É um esforço para desenhar linhas de compreensão do homoerotismo masculino brasileiro, a partir de uma de suas principais expressões na contemporaneidade, a pornografia digital amadora.

# PARTE I



A janela nada  
discreta da  
pornografia  
amadora



A perspectiva comunicacional das mediações comunicacionais da cultura evidencia os atravessamentos de usos e consumos da pornografia amadora digital. Por isso, neste capítulo, apresento brevemente algumas discussões que posicionam nosso olhar para a pornografia como expressão privilegiada do homoerotismo masculino na contemporaneidade.

### *Dos primórdios às redes digitais*

A presença da pornografia na cultura ocidental tem sido, ao longo da história, tanto bem-vinda quanto incômoda<sup>4</sup>. A existência, a circulação e o consumo de expressões pornográficas são localizados em diferentes passagens da sociedade ocidental. E, em igual medida, os acompanham as tentativas de censura, condenação e proibição advindas de diferentes setores.

Suas raízes estão impressas na palavra grega *pornographos*, que significa “escrever sobre as prostitutas”<sup>5</sup>. Inicialmente, representações gráficas de corpos nus e práticas sexuais estavam atreladas à sinalização de zonas urbanas de prostituição nos mais antigos registros de civilização. Posteriormente, elas foram

4 SHATTUCK, Roger. *Conhecimento proibido*. De Prometeu à pornografia. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

5 HYDE, H. Montgomery. *Historia de la pornografía*. Tradução de Santiago Errecart. Buenos Aires: Editorial la Pléyade, 1973. p. 15.

incorporadas ao imaginário da vivência cotidiana humana, como ocorre nos artefatos peruanos pré-colombianos<sup>6</sup> e nos vasos dos primórdios da arte greco-romana<sup>7</sup>, onde estão registradas cenas sexuais em meio a outros símbolos do dia a dia. Contudo, somente ao final do século XIX, a pornografia se consolidou como um objeto a estimular e excitar aquele que a acessa tal qual hoje a reconhecemos, quando passou a ser em um produto a ser consumido<sup>8</sup>.

As relações entre pornografia e comunicação são profundas. Desde o seu surgimento, a pornografia circula entre diferentes públicos por meio de materiais comunicacionais, como as impressões litográficas e tipográficas em revistas, livros e folhetos<sup>9</sup> e, posteriormente, pelas mídias audiovisuais.

É na medida em que a pornografia se aproxima do mercado e da circulação popular que são estabelecidas as discussões entre o que viria a ser erotismo e pornografia, como se o primeiro objeto, por seu compromisso com a arte e o sublime, fosse superior ao segundo, este ligado às massas<sup>10</sup>. Podemos assumir que nem toda expressão erótica é pornográfica, mas que toda expressão pornográfica é erótica, por, igualmente, à sua maneira, exprimir e ilustrar a arte de Eros.<sup>11</sup> É preciso enxergar que a divisão entre erotismo e pornografia, muitas vezes, está calcada na cisão entre a alta cultura das elites e a cultura popular. Por que a literatura erótica, que traz cenas de sexo explícito, é uma expressão do erotismo e um vídeo pornô,

6 LARCO, Rafael. *Checan*. Ensayo sobre las representaciones eróticas del Perú pré-colombiano. Genebra, Paris, Munique: 1966.

7 PAGLIA, Camille. *Personas sexuais*. Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

8 LEITE JÚNIOR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais*. A pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006. p. 45.

9 HUNT, Lynn. “Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800”. In. HUNT, Lynn (org.) *A invenção da pornografia*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

10 BRANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo?* São Paulo: Brasiliense, 1987.

11 Eros, também chamado de Cupido, é o deus do amor. Filho de Afrodite e Ares, usualmente é representado como uma criança alada que porta flechas. A arte de Eros, o erotismo, seria assim a arte do amor. Ver COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 70-73.



com o mesmo conteúdo, é mera pornografia? São embates que não se encerram aqui, mas que nos mostram que a pornografia está atravessada por vetores políticos e disputas de narrativas entre detratores e entusiastas.

No século XX, a fotografia, grande aliada da pornografia, cede espaço para a produção cinematográfica, na qual as representações da sexualidade têm sido diversas<sup>12</sup>. Embora já existissem filmes de teor pornográfico antes, a pornografia audiovisual se consolida como uma categoria mercadológica de entretenimento com o surgimento do VHS na década de 1980, que desenvolveu uma longa cadeia de produtores, atores e atrizes pornôs, locadoras e consumidores<sup>13</sup>. Paralelamente à grande indústria do pornô, as primeiras iniciativas de produção amadora já eram realizadas graças à difusão de aparelhos individuais de captação de imagem, como filmadoras pessoais.

O estabelecimento das redes digitais como espaço para a produção, a circulação e o consumo da pornografia só ocorre com o lançamento de plataformas voltadas exclusivamente ao *upload* e ao *streaming* de vídeos pornográficos. Nascidas à imagem e semelhança do YouTube<sup>14</sup>, em 2007, foram lançadas as plataformas XVideos, RedTube e Pornhub. Apesar de já existirem domínios digitais dedicados ao consumo digital da pornografia pela digitalização de grandes produtoras do pornô, as dinâmicas propostas pelas novas formas de veiculação midiática criaram uma demanda até então inédita. Com a chegada de modelos rizomáticos de integração entre a gratuidade para quem assiste e, por vezes, a remuneração de produtores por conteúdos amadores<sup>15</sup>, a máquina digital da pornografia girou rapidamente.

12 GERACE, Rodrigo. *Cinema explícito*. Representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva e Edições Sesc São Paulo, 2015.

13 ABREU, Nuno César. *Boca do Lixo*. Cinema e classes populares. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

14 RUBERG, Bonnie. "Doing it for free: digital labour and the fantasy of amateur online pornography". In *Porn Studies*, volume 3, número 2, 2016.

15 RODESCHINI, Sílvia. "New standards of respectability in contemporary pornography: Pornhub's corporate communication". In *Porn Studies*, volume 7, número 2, 2020.

Nos últimos anos, especialmente aqueles da pandemia do novo coronavírus (covid-19), em que se impôs a necessidade de isolamento, houve uma explosão da produção amadora, alavancada sobretudo por plataformas como Twitter e OnlyFans, que foram e continuam sendo usadas como veículos pornô, somando-se aos domínios digitais já conhecidos.

### *Do profissionalismo à linguagem amadora*

Atualmente, no que diz respeito à linguagem da pornografia, estão borradas as fronteiras entre a amadora e a profissional. A grande indústria, que reinou nas décadas de 1980 e 1990 com a comercialização de mídias físicas, teve que se transformar, no início do século XXI, para acompanhar as novas realidades digitais<sup>16</sup>. Apropriando-se de câmeras semiprofissionais, ângulos e enquadramentos não intencionais e outras características próprias à experiência amadora, as produtoras se aproximaram da produção feita amadoramente e disponibilizada nas plataformas digitais, para chegar a uma maior “verdade” no que se apresenta na cena pornô. A linguagem amadora, na narrativa que se criou em torno dela, traduziria a “realidade”.

As relações entre profissionalização e amadorismo se mostram bem difusas. Nas plataformas digitais, pode ser observado o crescimento de iniciativas particulares que buscam monetizar o conteúdo audiovisual, como a criação de sites que somente disponibilizam seus materiais mediante o pagamento de assinatura. Exemplos disso são os casos brasileiros do site *Irmãos Dotados*, criado por dois garotos de programa que se tornaram produtores, e *Macho na Vara*, que promete disponibilizar “o melhor sexo gay amador”,

<sup>16</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo. Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

como sintetiza seu *slogan*. Do outro lado da cadeia, o emprego da linguagem amadora por produtoras de médio e grande porte, além de desenvolver uma estética própria e atenta às movimentações atuais, facilita a produção.

É também comum a apropriação de conteúdos de produtoras profissionais por usuários amadores, infringindo todo e qualquer direito autoral de uso e/ou comercialização de imagem, subvertendo as lógicas mercantis e reforçando a ideia de que as redes digitais deveriam ser um lugar de compartilhamento e consumo gratuito. Nos limites dessa ideologia, estão as redes de compartilhamento de senhas e *e-mails* de *logins* de produtoras pornô, promovidas por *blogs* e grupos em aplicativos de mensagem, sob o pretexto de democratizar o acesso à pornografia. Além disso, os usuários acabam criando títulos e dando outros significados à cena sexual pornografada, gesto interessante que nos rememora à criatividade presente nas expressões amadoras.

### ***Dos usos e sentidos da pornografia amadora digital***

No contexto digital, a pornografia amadora não é apenas um material a excitar aquele que a acessa. Ainda que esse, em primeira e última instância, seja o principal objetivo, são notáveis a criação de redes de sociabilidade em torno de preferências eróticas pornografadas, o fortalecimento de identidades sexuais, a difusão de práticas sexuais e a criação e o estímulo a novas experiências eróticas.

No XVideos, são vários os caminhos da experiência do consumo pornô. Há o serviço de *streaming*, que apenas envolve o material na plataforma, mas também é preciso enxergá-la como uma rede social mediada pelo consumo midiático, sendo possíveis a avaliação, nas dinâmicas do “curtir” ou “descurtir”,

o compartilhamento de impressões, nos comentários, e ainda a conexão com outros perfis. Por intermédio do consumo pornô, um usuário pode conhecer novas práticas sexuais, encontrar pessoas que compartilham do mesmo gosto e interesse, identificar-se com o que está sendo encenado, ampliar suas narrativas e possibilidades eróticas, criar juízos de valor e tecer opiniões acerca da cultura homoerótica, satisfazer desejos (através do deslocamento) que o usuário não teria coragem de realizar na realidade, apenas para citar alguns dos muitos usos e sentidos do seu consumo.

A produção amadora expande e escancara as possibilidades de expressão homoerótica masculina. A pornografia amadora nos serve como uma janela nada discreta para vislumbrarmos tudo o que o homoerotismo pode ser na atualidade. Não há uma só identidade homossexual masculina ou uma única forma de ser, há várias. E isso observamos através da pornografia amadora e seus títulos diversos, que atingem os “mil sexos”, já previstos<sup>17</sup>.

Atualizando constantemente o imaginário do homoerotismo masculino, ela insere novas práticas sexuais, como, por exemplo, a *gouinage*, quando não há penetração, e novas identidades, como as híbridas e difusas figuras do “hétero gay” e do “passivo macho”, que unem aspectos outrora incompatíveis pela rigidez binária da sexualidade. Por ser rapidamente produzida, veiculada e consumida, a expressão pornô amadora tem a vantagem de responder rapidamente a temas de seu tempo, apropriando-se de signos em circulação, como ocorreu, em 2020, com as citações à quarentena e à covid-19.

As narrativas “do” e “sobre” o homoerotismo masculino vão pouco a pouco sendo construídas coletivamente a partir das imagens em movimento, dos sons, dos títulos e de outros signos que compõem o ambiente midiático da pornografia. Sob a insígnia

17 DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 70.

do amadorismo, temos um espaço propício para a expressão da sexualidade de forma mais livre que a pornografia industrial. A amoralidade e a subversão intrínsecas à circulação midiática do que é obsceno se desviam da projeção dos discursos institucionais que regulam o uso dos corpos e dos prazeres<sup>18</sup>, e permitem uma maior expressão da sexualidade que se registra e se publica de forma mais ou menos anônima e espontânea.

Falamos em relativos anonimato e espontaneidade pois, nas redes, o primeiro é suposto pelo uso de avatares e codinomes, mas não é totalmente garantido. Enquanto é difícil falar em uma espontaneidade pura e genuína quando estamos no contexto dos algoritmos, que direcionam de forma cabal a experiência de navegação. Um exemplo prático: as categorias do XVideos são apenas três, “gay”, “hétero” e “trans”, segmentos que aprisionam o usuário em um circuito de conteúdo. Diante de tantas identidades e narrativas da vasta sexualidade, por que somente três categorias?

Ainda que possamos destacar alguns pontos nevrálgicos da questão da pornografia amadora digital, o seu consumo está envolto de sentidos como “liberdade sexual”, “anarquia” e “autonomia do corpo e dos prazeres”, no espectro dos discursos em prol a sua existência<sup>19</sup>. Na outra ponta, as narrativas que a acusam de incentivar o estupro, o abuso sexual e a banalização do erotismo, leituras embasadas em grande parte pela pornografia heterossexual produzida em larga escala<sup>20</sup>, trazem sentidos de transgressão ao seu consumo. Não queremos aqui concordar com um ou outro lado, mas, sim, apontar que todo consumo está imerso em valores que o balizam.

---

18 FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* 2. O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

19 SMITH, Clarissa. ATTWOOD, Feona. “Anti/pro/critical porn studies”. In *Porn Studies*, volume 1, número 2.

20 EBERSTADT, Mary. LAYDEN, Mary Anne. *Os custos sociais da pornografia*. Oito descobertas que põem fim ao mito do “prazer inofensivo”. Tradução de Priscila Catão. São Paulo: Quadrante, 2019.

Ao acessar a pornografia homoerótica amadora, o usuário adentra o universo do homoerotismo masculino, consumindo não apenas o material audiovisual, mas igualmente os valores culturais implicados na experiência do homoerotismo. Se localizarmos o caráter clandestino desse acesso, ainda evidenciamos como essas ritualidades<sup>21</sup> também posicionam a pornografia no contexto da intimidade e da obscenidade, cujo consumo não pode ser visto e/ou flagrado por outrem, revelando a faceta individual da realização de fantasias e desejos sexuais a partir da fruição do material pornô.

São muitas as camadas de sentido e por isso o olhar netnográfico<sup>22</sup>, que desenvolvo na parte II, traz um lugar confortável para a observação dos discursos e das práticas envoltas no consumo, o que, no caso dos estudos da sexualidade e da pornografia, é extremamente pertinente por ultrapassar barreiras como pudor, vergonha ou outros sentimentos vexatórios e repressores, que poderiam frear expressões do homoerotismo. Se os sujeitos, por exemplo, em um questionário, respondem suas perguntas baseados em alguns filtros sociais, como o ideário do “sexo seguro” e as imagens projetadas de si mesmo, daquilo que gostariam de ser e não necessariamente do que performam, a investigação do homoerotismo nos permite observar formações mais ou menos genuínas da práxis sexual na contemporaneidade.

Na contemporaneidade, Paul B. Preciado localiza a pornografia como a “sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação digital”<sup>23</sup>. Diante da proliferação da produção amadora, o filósofo destaca que hoje há um “deslocamento radical do sujeito de enunciação pornográfica: aqueles que foram

---

21 PEREZ, Clotilde. *Há limites para o consumo?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020. p. 47 – 78.

22 FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

23 PRECIADO, Paul B. *Testo junkie*. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 281-282

objetos passivos do olhar pornográfico e disciplinador [...] se tornam sujeitos da representação, questionando, desse modo, os códigos [da pornografia hegemônica]<sup>24</sup>. Uma visão deveras libertadora que nos faz encarar a pornografia como um vivo enquadramento de emergentes e pulsantes culturas sexuais.

---

24 Idem, p. 289.